

## #22 Segundo ao Quarto Passo do Nobre Caminho – RI 2020

### Lama Padma Samten

Bacupari, 25/07 a 02/08

<https://www.acaoparamita.com.br/programa-de-treinamento-em-21-itens/> - #22

Revisão: Nea de Castro - janeiro de 2023

*Este é um material transcrito a partir de ensinamentos orais de Lama Padma Samten. Ele é usado exclusivamente para apoiar os estudos e práticas dentro da sanga, pedimos não reproduzir em outros sites. O material está em constante revisão e melhoria; quaisquer erros encontrados são devidos às limitações das pessoas envolvidas na transcrição e na edição, e serão corrigidos assim que possível.*

Caso tenha contribuições para melhorar esta transcrição, entre em contato pelo email [repositorio.transcricoes@gmail.com](mailto:repositorio.transcricoes@gmail.com)

### **Segundo Passo do Nobre Caminho**

---

Vou seguir agora o curso normal da abordagem da Segunda Nobre Verdade. Desculpem, o Segundo Passo do Nobre Caminho de Oito Passos. Esse segundo passo, unido com o terceiro e o quarto, constituem, essencialmente, evitar as dez ações não virtuosas. Essas dez ações não virtuosas estão ligadas diretamente aos principais votos monásticos. É como se todos os votos monásticos se originassem desses dez votos. Isso está dividido em três passos, como três fases desses votos. A primeira diz respeito aos votos com relação ao corpo, depois à fala e depois à mente. Com respeito ao corpo, nós deveríamos evitar as ações de matar, roubar e conduta sexual imprópria. Esses votos são simples assim. No entanto, quando começamos a olhar com mais profundidade a própria prática dos votos e o controle de qualidade disso, nós vemos que esses votos são possíveis de compreender, de examinar dentro de uma abordagem mais sutil. Quando estudamos, por exemplo, os votos monásticos, vamos estudando que a quebra dos votos também tem graus de gravidade. Nós podemos estudar os graus de gravidade dessas falhas. Então, eu acho super interessante esse exame, assim desse modo, porque vai introduzindo uma sutileza que mostra que, mesmo que não tenhamos feito a falha num sentido muito grosseiro, essa falha de algum modo já existia. Então, por exemplo, qualquer um desses votos; vamos supor, matar. Então a pessoa matou. Agora, se a pessoa matou sem intenção, aquela coisa já tem uma redução de intensidade da negatividade correspondente. Se a pessoa, por exemplo, matou sem intenção e se arrependeu, isso é considerado um atenuante também, é algo que é menos negativo. Se a pessoa matou, se arrependeu e tentou reparar de algum modo, então isso tem um atenuante.

Por outro lado, nós também podemos olhar os agravantes, então a pessoa matou e comemorou. Aí a situação é grave. Se a pessoa não se arrependeu, mas ela considerou que aquilo foi realmente uma vitória. Então isso significa que, carmicamente, a pessoa estabelece um vínculo com essa ação de matar. Não é que haja, em algum lugar, uma instância de julgamento que vai criar uma punição posterior, mas, se a pessoa se vincula ao ambiente de matar, ela também está vinculada ao ambiente de matar e morrer. Então é completamente natural que, no sentido do matar, surge um medo de ser morto também. Esse ambiente começa a se tornar a bolha de realidade correspondente aos infernos. É muito interessante isso. Por exemplo, podemos observar na forma pela qual nos relacionamos com o ambiente. Se a pessoa experimenta matar marimbondos,

matar abelhas, matar serpentes de todos os tipos, aí de repente a pessoa começa a ficar um pouco paranoica. Ela fica sempre com muito medo que apareça um ser terrível, assim, uma cobra terrível. Porque na mente surge esse aspecto de agressão e medo. A agressão, ela tá junto com o medo, então na medida em que nós vamos agredindo temos muito, muito medo. Se a pessoa não tem esse sentido de agressão, é natural que a pessoa também não tenha medo nessa proporção, isso se reduz.

O medo é uma consequência natural da própria agressão, em qualquer uma das dez ações não virtuosas, no momento em que nós praticamos as ações e validamos e regozijamos com o êxito das ações, nós nos tornamos sensíveis a sermos alvos das ações correspondentes. Nós sentimos que aquilo é perfeitamente possível de acontecer conosco. A nossa mente começa a operar dentro desse tipo de bolha de realidade. Aí nós podemos observar que essas ações, antes de elas serem executadas num nível grosseiro, elas são validadas num nível sutil. Esse é um ponto também bem delicado. As ações nunca são apenas a ação naquele momento, elas são precedidas de outras ações. Todos estes aspectos produzem uma progressiva construção da bolha de realidade onde o outro passa a sofrer. Então vamos imaginar assim: se a pessoa tiver esse comportamento extremo que vai culminar na morte de alguém, com certeza a pessoa, anteriormente, ela validou isso dentro de uma paisagem mental, dentro da bolha onde ela está atuando. Se ela validou isso, a pessoa nesse momento dá solidez àquela bolha, ela estabiliza a bolha. Quando ela estabiliza a bolha, o fluxo mental dela se dá por dentro dos referenciais correspondentes à bolha. Ou seja, o fluxo livre dela, olhando e se referenciando a essa bolha, na dependência desses fatores, produz vários tipos de imagens e realidades que surgem então por uma Originação Dependente a esses fatores.

Essas realidades vão produzir as ações preparatórias, então a pessoa precisa de uma faca, precisa de uma oportunidade, precisa de uma arma, e ela visualiza muitas vezes o que vai fazer até o momento em que ela vai lá e executa. As ações anteriores, que são a validação, e as ações preparatórias, todas elas já têm resultados cármicos imediatos porque quando a pessoa valida, ela instantaneamente já está dentro da bolha mental dos infernos. Então os sonhos da pessoa já são sonhos tumultuados. Quando sonha, já sonha dentro das bolhas dos infernos. Ela começa a ver sinais e interpreta tudo como algo pertencente àquele tipo de bolha de realidade. Então surge um tipo de perturbação que acomete efetivamente as pessoas. Esse é um ambiente de muito sofrimento. E se vocês estudarem, por exemplo, a história dos grandes reis e grandes imperadores, os imperadores romanos, todos eles manifestavam um nível de paranoia. Aí vocês têm lá o Calígula, completamente paranoico. O que precedeu ele, o Tibério, completamente paranoico. Ele abandonou Roma, foi morar na ilha de Capri porque ele tinha medo de ser assassinado, o que terminou acontecendo.

Todos eles sentiam que, na competição pelo lugar que eles aspiravam, terminam matando outras pessoas. E daí, quando eles matam, eles têm muito medo, constantemente. Então esse ambiente de poder concentrado em algum lugar é um ambiente de muito medo. Constante. Podemos imaginar que é um ambiente super favorável, mas não é. É um ambiente de grande terror. Se vocês estudarem isso, é comum as pessoas estarem matando os outros, os competidores, e completamente alucinados que venham a morrer em qualquer momento: por envenenamento, por complô, por arma ou por alguma coisa - eles estão constantemente imaginando que vão ser surpreendidos. As pessoas mais próximas deles são as pessoas em quem, em princípio, eles deveriam confiar, mas ao mesmo tempo são as pessoas que produzem muito medo. No caso, por exemplo, do Calígula, ele terminou sendo surpreendido pelo círculo mais próximo dele, que incluía as irmãs dele que conspiraram contra ele. Então ele matou tios, matou os parentes todos, até o momento em que naturalmente ele foi morto. Essencialmente, ele foi morto pelo chefe da guarda de proteção dele. Que é

alguma coisa que aconteceu, por exemplo, com Indira Gandhi, na Índia. Então é assim, esses seres eles estão constantemente alucinados. Eles estão causando mortes e estão alucinados no meio desse processo assim, com muito medo. Então esse é o ambiente, e se nós temos o matar no mínimo na mente, nós temos muito medo do que possa vir a acontecer. Mesmo antes de matar, nós já estamos com a nossa mente dominada por esses processos de grande aflição.

Se olharmos para as próprias nações, as nações que aspiram hegemonia têm muito medo que outras nações atinjam a hegemonia. Então é um processo cármico assim. No Budismo aquilo fica super claro porque essas operações mentais se dão dentro de bolhas de realidade, e aí quando olhamos os outros, vamos olhar os outros dentro daquela bolha, não temos outro lugar pra olhar - vamos olhar de dentro da bolha. Se olharmos os dirigentes desse tempo agora, vocês olhem os seres poderosos nos Estados Unidos e mesmo no Brasil: quantos auxiliares próximos deles foram afastados e demitidos? Eles manifestaram algum tipo, podemos dizer, de traição. Um depois do outro. No caso do Trump, muitos. No caso do Bolsonaro, muitos também. Esse ambiente é um ambiente paranoico, alucinado: ele está ligado a ações não virtuosas, que produzem esse tipo de aflição. Então a pessoa executa as ações como se fosse para benefício próprio, mas naquele momento, carmicamente, não é por um julgamento cósmico que tem alguém que determina que vai ser assim: é que a pessoa constrói a realidade a partir da bolha.

Aquela bolha inclui o conjunto de opções, os espaços de possibilidade. E, dentro dos espaços de possibilidade, a pessoa, por exemplo, [está] desejando a morte do outro, aspirando a morte do outro, justo porque ela já está sob a operação daquilo. O desdobramento das ações produz uma firmeza progressiva dentro da bolha de realidade específica. Se a pessoa, por exemplo, antes de executar a ação - então tem esses atenuantes ainda - a pessoa tentou, atingiu, mas o outro não morreu. Se o outro não morreu, ela tem uma vantagem. Agora, se o outro morreu, ela não tem como consertar. Não tem como consertar aquilo. Ela vai tentar justificar - pode ser que mais adiante ela se arrependa e tal (tudo mais, em vez de tal, ele diz), mas é uma etapa muito mais complicada. Essas etapas são problemáticas. A pessoa matou, ela também pode pensar “hmm, tem algum amigo do outro que vai tentar me pegar”.

Essa história, por exemplo, de brigas na sanga. O Buda conta essa história de um reino muito poderoso que tinha dois reis: um sábio e outro que era o vizinho poderoso. O vizinho poderoso resolveu invadir para anexar o reino. E o rei sábio pensou “eu não vou criar uma grande confusão, eu vou sumir. Não vou causar, não vou lutar, não vou nada; deixa o outro anexar”. E o outro anexou o reino, mas ele não ficou contente porque, tendo feito isso carmicamente, ele tem medo de um retorno. Então ele ficou procurando, procurando, procurando, onde é que estava o rei antigo, porque ele queria matar o rei antigo para ficar tranquilo. E aí passou um tempo longo e ele não encontra, mas um dia esse rei antigo - que tinha se escondido como uma pessoa comum no mundo, a forma mais fácil é morador de rua, ele virou morador de rua - foi no barbeiro e o barbeiro reconheceu. Ele foi preso e a esposa também foi presa. E eles tinham um filho, e esse menino - que era um menino pequeno enquanto ele era rei - tinha crescido. Então o rei pegou e matou pai e mãe mas, antes de matar, ele desfilou com pai e mãe (o rei e a rainha antigos) em direção ao lugar onde ele mataria e no caminho estava o jovem.

E o pai dizia “o ódio não se dissolve com ódio, o ódio se dissolve com o não-ódio”. É essencialmente isso. E ele repetia muitas vezes isso, olhando para o menino, enquanto passava ele dizia, e daí o menino guardou aquilo na mente. Na sequência o rei matou o casal, espalhou os restos mortais por um campo e foi embora. Eles foram embora - e o menino foi lá e juntou aquilo tudo e cremou. Quando o rei do palácio viu a fumaça da

cremação subindo, ele disse “eu tenho inimigos”. Então continua a bolha da realidade. Quer dizer, ele não se livra, não adianta matar o outro, ele continua assustado. Esse processo vai até o ponto em que o menino vai trabalhar na corte do rei - se aproximando para matar o rei. Ele começa ajudando o cuidador de cavalos e de elefantes e se torna uma pessoa super especial ali e o rei olha para ele e gosta dele e toma ele para virar um auxiliar próximo - ele se torna o auxiliar mais próximo - o rei adota ele como filho e eles ficam super próximos. Ele anda com o rei para todos os lados.

Tem um dia em que o rei está no meio do campo, em que eles estavam caçando e andando, e o rei cansa. O rei deita com a cabeça no colo dele. E dorme. Ali o menino pensa: “bom, é hoje, hoje eu vou matar ele”. E ele lembra as palavras do pai, que não é com o ódio que se resolve. O ódio não se resolve com o ódio, mas com o não-ódio. Ele tira a faca mais do que uma vez e guarda. E o rei sonhando que isso estava acontecendo. De repente, o rei se acorda e olha para ele diz “eu tive esse sonho”, e o menino tira a faca e diz “eu vou lhe matar, eu sou o filho do outro”, e ele lembra de novo do pai. O pai dizendo “o ódio não se resolve com o ódio, mas com o não-ódio”. E ele diz “bom, eu sou esse, mas eu não vou lhe matar”. O rei leva ele até a corte e pergunta para os ministros: “esse aqui é o filho do rei e da rainha anterior - o que eu faço com ele?”. Todo mundo diz “mata ele” (risos). Bom, o final da história eu não vou contar (risos e protestos). Nem sei porque é que eu estou contando essa história (risos). E no final o rei declara ele herdeiro, casa com a filha - eu não sei se é lá grande coisa, mas de qualquer maneira, fazer o quê, aquilo é o mínimo que poderia acontecer a ele, casar. E os reinos se juntam e ele fica o herdeiro daquilo tudo. E se decreta...surge a paz, enfim. Porque não é pelo ódio, é pelo não-ódio.

Então eu achei...esse é o exemplo que o Buda dá. Aí, depois de contar tudo isso, a sanga continua brigando. Não tinha jeito... É super bonito... Aqui eu estou contando essas nuances sobre como as ações são feitas, como que a pessoa pode estar naquela bolha de realidade - ela segue produzindo os efeitos. Dentro de uma visão sobre como funciona a mente, é a Originação Dependente. Ou seja, a mente opera com a luminosidade e com os referenciais todos, e produz o resultado que vem pela origem dependente daqueles referenciais todos. O medo e todas as características que brotam das várias paisagens mentais, das bolhas, eles se perpetuam. E essa condição é que é, efetivamente, o carma. A estrutura do carma não está em algum lugar ou outro que não na própria bolha de realidade onde a pessoa se fixou. Então as ações, o aspecto mais negativo das ações não virtuosas é justamente a constituição da bolha de realidade que sustenta e justifica e acha que aquilo está bem assim, porque ela segue produzindo - infundavelmente - essas ações. Eu considero que esse é um ponto super delicado, mesmo nos tempos presentes. A gente poderia pensar “bom, isso é uma estrutura da época do Buda”. Não é. Isso é completamente visível no tempo de hoje.

Então vamos supor: nós tivemos a Segunda Guerra, a Segunda Grande Guerra baseada num conjunto de valores. O maior engano é prender aquelas pessoas como se elas fossem culpadas e deixar escapar as bolhas de realidade. Nós tínhamos que estudar, cuidadosamente, como é que aquelas bolhas de realidade se validaram, se sustentaram, porque as pessoas foram presas ou morreram. Aconteceu de tudo e as bolhas de realidade saíram e hoje elas atuam totalmente livres na mente das pessoas, então os tipos de critérios, os tipos de valores e referenciais que as pessoas usavam naquela época, são iguais. Hoje, eventualmente, as pessoas ainda vão buscar os próprios símbolos, as próprias inspirações nas pessoas daquele tempo para fazer as suas ações enlouquecidas. É como se a gente precisasse fazer isso com muito cuidado. Eu lembro uma vez que eu andei estudando também algumas coisas da China. No período Taoísta, os Chineses - eu li isso num livro de um sinólogo importante, inglês - ele dizia que, nesse período do Taoísmo, ele foi usado como referencial de estado. Quando ocorria um crime, como a gente agora vê muitos crimes por todos os lados, em vez de

simplesmente procurar a pessoa que tinha feito aquilo, tinha um esforço para localizar o que foi que deu significado, deu sentido para aquela ação da pessoa. Porque era ali que estava realmente a questão.

Então nós temos essa simplicidade de como a gente trabalha. Ou seja, prendemos a pessoa e pronto. E aquele fator que valida aquelas ações segue livre e segue inspirando outras pessoas para agir. Então não chegamos a consertar aquilo. Quando o Buda vai descrever, por exemplo, ele vai dar conselhos para os reis de como produzir uma sociedade estável e etc., ele vai trabalhar nos valores; ele vai trabalhar na visão. Diretamente assim. Esse é um ponto super importante que está ligado às dez ações não virtuosas. Através das dez ações não virtuosas nós, na verdade, estamos explicitando bolhas de realidade que são problemáticas. Essencialmente o *Samsara*, os vários reinos do *Samsara*, esse é o problema maior. Quando nós olhamos desse modo, é mais fácil nós tomarmos os impulsos e as ações não virtuosas que surgem em nós como caminho também. Eu acho que as dez ações não virtuosas podem ser vistas como recomendações de coisas que não deveríamos fazer, mas elas podem também se tornar um referencial importante para o nosso próprio caminho. Quando nós vemos os impulsos correspondentes a cada uma das dez ações não virtuosas e entendemos que aquilo vai causar problemas, deveríamos localizar que nós estamos operando em bolhas de realidade que estão validando aquilo. Aí nós deveríamos refazer os nossos votos de *Bodhicita* de trazer benefício a todos os seres, praticar *Metabavana* em relação aos seres de tal modo que esses fatores aflorem com clareza e que entendamos isso e possamos ultrapassar.

Ultrapassar desse mesmo modo, ou seja: o ódio não se resolve com o ódio, o ódio se revolve com não-ódio. O não-ódio é a dissolução do ódio. Então as ações não virtuosas não se resolvem por outro tipo de ação, elas se resolvem pela não-ação-não-virtuosa. Mas a ação não virtuosa não é apenas o aspecto grosseiro que ocorre ali. Ela é o aspecto sutil do movimento da energia, da validação da operação da mente segundo aquele conjunto de referenciais e da bolha que sustenta aquela realidade toda. Como nós somos praticantes que contemplamos o mundo interno e o mundo interno faz sentido de ser contemplado para nós, aqui deveríamos considerar uma prática delicada, uma prática importante porque ela é uma prática complementar, ela está ligada a própria *Metabavana*. Nós estamos fazendo *Metabavana* e agora nós localizamos aquilo que é o núcleo dos problemas que impedem o progresso de *Bodhicita* e inviabilizam, fragilizam a estabilização de *Bodhicita* e causam ações cármicas verdadeiramente problemáticas. Deveríamos olhar isso com todo o cuidado. Por que causam ações cármicas? Porque validam bolhas de realidade específicas. Essa validação das bolhas é o obstáculo.

Deveríamos considerar também que o fato de a nossa mente andar por regiões cármicas de um tipo ou de outro não é o problema - o problema é a validação daquilo como a realidade. Por exemplo, os *Bodisatvas*, eles precisam penetrar em todos os âmbitos de realidade, mas quando eles penetram, aquilo não deveria virar uma bolha de realidade, aquilo deveria ser sempre visto como parte da mandala. Ou seja, eles têm uma liberdade, eles vêem aquilo como a realidade *Vajra*, eles não vêem aquilo como uma realidade densa, de bolha. Eles não usam aqueles fatores para originar realidades a partir da Originação Dependente. Eles não usam isso, eles estão operando a partir de *Bodhicita*, então eles têm uma liberdade. Logo, a liberação desses aspectos não é a não-penetração nas bolhas, mas a lucidez que vai examinando essas realidades todas como realidades *Vajra*. Esse é o ponto. Mas quando nós ouvimos sobre as dez ações não virtuosas e entendemos esses fatores todos, deveríamos, entendendo isso, praticar o que é possível para nós. No mínimo evitar o aspecto grosseiro das ações não virtuosas, isso já é uma boa coisa.

É insuficiente. Enquanto nós não tivermos a clarificação completa desses aspectos, nós não temos uma solução de fato. Mas evitar as ações não virtuosas no sentido grosseiro é um bom passo, porque alivia a nossa capacidade de seguir. Se nós, por exemplo, fizermos ações desse tipo, ações não virtuosas, ou seja: matar, roubar, ter conduta sexual imprópria, isso vai dar um super problema. E, justamente, esse tipo de ação pode interromper o nosso caminho. Se, por exemplo, nós matarmos, vamos ter muitos problemas. Se nós roubarmos, nós estamos super fragilizados. Se tivermos conduta sexual imprópria, segundo os padrões que estamos operando, então isso também vai gerar muitos problemas. Do mesmo modo as ações de fala. Se nós mentirmos, isso dá muitos problemas, com certeza. Do mesmo modo que as ações de corpo, a ação de mentira surge dentro uma paisagem mental, então essa paisagem mental se consolida a partir do mentir. Nós temos o mentir, depois nós temos o agredir com palavras. Aí tem muitas histórias budistas sobre agredir com palavras - sobre a dificuldade de recompor após a fala imprópria. Dificuldade de recompor a situação. Uma das imagens é a pessoa pegar um travesseiro de penas e sacudir numa janela: o vento leva. Agora então vai atrás de cada uma das penas e monta de novo - aí aquilo é muito difícil. Recolher as palavras é muito difícil. Aquilo é realmente um problema.

Nós temos, então, o mentir, agredir com palavras, e nós temos as intrigas. As intrigas também, aquilo é super problemático. Todas as cortes têm intrigas. Gregos, romanos, de todos os lados, é sempre um problema. Essas intrigas, elas são o quê? Alguém fala do outro para alguém. Então tem uma traição no meio daquilo. A pessoa nunca sabe quem é que a está traindo. E quando ela entra no meio daquilo, e aqueles relatos são importantes, a pessoa está dentro da bolha. Quando ela está dentro da bolha, ela vai sofrer por um longo tempo, por um tempo indefinido até ela sair da bolha. Enquanto ela estiver na bolha, ela vai ter problema. Porque ela tem insegurança - uma vez que ela mentiu, ela vê que o outro também pode mentir. Ela vê que alguém mentiu para alguém e ela sente que não pode confiar em ninguém, porque a pessoa disse isso mas não era bem aquilo e aí a pessoa está num ambiente em que ela não confia mais em ninguém. Disso para o Reino dos Infernos é muito rápido porque não sabemos o quê, enfim, a pessoa está querendo, no fim eles vão me matar, vão me roubar, vão alguma coisa assim. Dali para o Reino dos Infernos é muito rápido. Esses sofrimentos podem ser por um longo, longo tempo. Todos nós temos esse tipo de conexão. Se olhamos a literatura, ela trata disso. Se olhamos o conteúdo das novelas e a televisão, é essencialmente isso. Então nós temos ações não virtuosas, temos o mentir, temos agredir com palavras e temos as intrigas.

Nós temos também a quarta forma de fala imprópria que é a fala inútil. A fala inútil é, eu acho, umas das mais problemáticas. Uma das mais danosas formas de ação. Ela parece que não tem muito problema, mas nós vamos chamar de fala inútil porque é uma fala que constrói bolhas de realidade. Ela se sustenta porque, quando aqueles sons são pronunciados, eles conectam com receptores cármicos, ou seja, com fragmentos de bolhas, e aí nós começamos a montar bolhas. Então a fala inútil é uma fala que vai construindo bolhas e construindo realidades. Essas realidades construídas depois ficam produzindo efeitos. Aquilo é muito problemático. Pela fala inútil, é como se adquiríssemos um vírus latente que começa a atuar sobre nós, dirigindo os nossos pensamentos numa direção e noutra. Aquilo é bem perigoso, especialmente porque não parece [prejudicial]. Esse é um ponto perigoso. Quando eu olho, por exemplo, a sociedade contemporânea, especialmente a sociedade americana, [vejo que] eles geram qualquer mídia em qualquer direção, imaginando que eles podem conter as pessoas pelas leis. Aquilo não parece possível, porque nós começamos a construir nas mentes das pessoas paisagens mentais que são fragmentos de bolhas complexas que terminam por gerar ações não virtuosas. Elas vão gerar ações não virtuosas por um tempo muito longo. Isso eu acho super perigoso. Então nós temos as ações de corpo e ações de fala.

As ações de mente são ainda mais problemáticas, porque as ações de mente são essencialmente os Três Venenos. Ou seja, todos nós estamos focados, a partir de *Avidya*, sem perceber. Estamos operando a nossa energia, as nossas ações, a partir de *Avidya*, gerando o galo, o pombo que cisca constantemente dentro daquela bolha. E guardamos como refúgio de segurança a nossa raiva, a capacidade de atacar os outros, ou atacar qualquer coisa que possa produzir algum prejuízo para o que nós consideramos valioso. Por exemplo, nós mesmos. Esse ponto é: esses Três Venenos, esses três animais da Roda da Vida, o centro da Roda da Vida é justamente esse conjunto de posições de mente. Ele é o conjunto sustentador. Se nós não vemos a ignorância como um problema, não vemos *Avidya* e *Moa* como um problema. Não vemos avareza e aquisitividade como um problema, mas consideramos isso o nosso movimento natural perfeito. E não vemos a raiva, a defesa ou o ataque como um problema. Aí nós estamos totalmente envolvidos nos Três Venenos de mente, as três ações de mente.

Quando o Buda descreve essas dez ações não virtuosas, esses dez fatores que deveríamos evitar, isso não é apenas uma recomendação comum de ações grosseiras, isso é algo super profundo e nós podemos transformar isso em um balizamento do nosso caminho. Então, na medida em que temos essa fixação, ignorância, *Avidya* e *Moa*, nós temos a ação incessante na busca de alguma coisa, como avareza. Nós temos essa experiência de raiva e de medo, de ódio latente dentro de nós, operando, e nós justificamos isso, achamos que é assim mesmo. Nós estamos impulsionados por *Upadana* com uma constante energia de movimento, um movimento inspirado na ignorância, na avareza e na raiva. Se nós temos isso e sentimos isso como se fosse a nossa própria existência, aí nós temos o defeito completo da mente. Esse defeito completo da mente produz o *Samsara*, sustenta o *Samsara* e os sofrimentos por vidas subsequentes, e nós vamos inevitavelmente passar por transmigrações constantes sem fim. Por que sem fim? Porque a Natureza Primordial não é abalada por isso, então ela segue. Ela segue com o fluxo luminoso da mente produzindo aparências através da Originação Dependente. Então, na medida em que a Originação Dependente surge na dependência desses fatores, ela vai produzir uma sensação de identidade, sensação de um mundo separado e sensação de carência, de medo, de raiva, vai produzir todas as emoções perturbadoras e nós seguimos.

Nós vamos seguindo. Isso naturalmente vai impulsionar as ações de matar, de roubar, de conduta sexual imprópria e as ações de mentir, agredir com palavras, criar discórdias e falar inutilmente que, por sua vez, vão causando a consolidação da bolha, [do] ambiente onde nós vivemos. Numa linguagem que Wittgenstein usa, são “os espaços de possibilidade” do que nós pensamos e fazemos e andamos, e então definimos a nós mesmos e às nossas vidas, e o que nós podemos pensar e andar. Nós somos surgidos dentro daquilo e ficamos armadilhados naquele mundo, mesmo que a natureza da nossa mente seja livre. Antes da origem dependente ela está livre, só que tudo o que nós estamos produzindo é produzido pela dependência a esses fatores todos. Aqui surge uma coisa milagrosa, extraordinária. Nós estamos presos a isso, mas pelo fato de que o Buda veio e deu ensinamentos e falou a linguagem da bolha para os seres ilusórios da bolha, nós acordamos num certo sentido e nós geramos uma motivação de ir adiante, de fazer alguma coisa diferente. É como se, num carro de formigas que estão buscando o bolo que já não existe na mesa, uma ou outra formiga se levanta e dá uma espiada e “não, mas isso é *Avidya*, isso é ilusório”; então uma coisa totalmente improvável.

Os seres acordarem assim e olharem é totalmente improvável. Nós estamos acordando e levantando porque a nossa mente é inseparável da mente do Buda. O Buda acordou e aí surge a possibilidade de nós acordarmos. Isso é muito extraordinário, todos os seres têm natureza de Buda, então mais dia, menos dia, isso termina acontecendo.

Assim nós estamos num tempo extraordinário, que é um tempo em que os ensinamentos aparecem, aparece o Buda e as formigas eventualmente acordam. Esse é um tempo extraordinário. É o fato de nós podermos nos reunir em algum lugar ou vocês que estão nas suas próprias casas, nos seus próprios lugares, poderem de repente olhar de uma forma mais ampla tudo o que acontece... isso é muito extraordinário. Nós deveríamos reconhecer o quão extraordinário, o quão incrível é poder olhar com o olho do Dharma todas essas coisas como elas estão acontecendo. Mas, naturalmente, como nós estamos envolvidos nessa bolha de realidade que é, enfim, o *Samsara*, esses fatores todos aparecem dentro de nós e deveríamos olhar com muito cuidado, reconhecer a vacuidade disso, reconhecer a origem dependente; considerar que todos esses fatores são inseparáveis da origem do nosso próprio sofrimento e da sustentação do nosso próprio sofrimento. Deveríamos olhar as ações não virtuosas ligadas ao estudo que fizemos sobre a Segunda Nobre Verdade da origem do sofrimento através da Originação Dependente e os Doze Elos. Deveríamos olhar com cuidado como essas ações são exemplos dos próprios Doze Elos da Originação Dependente.

Uma forma de aprofundar a compreensão da origem dependente é localizar, dentro dos Doze Elos, como que esses impulsos todos acontecem, e reconhecermos a liberdade que temos em relação a eles. Assim, podemos ter um aproveitamento muito melhor - pode ser muito mais profundo - dos três passos, que é o Segundo, o Terceiro e o Quarto passos no Nobre Caminho Óctuplo. Podemos olhar esses passos não como recomendações preliminares, recomendações de ação ou de não-ação, mas como elementos a serem incorporados à nossa própria prática, a prática da lucidez com respeito aos aspectos mais profundos dentro de nós. Não deveríamos pensar que essas ações são externas, que elas são coisas que podemos fazer ou não podemos fazer - o aspecto interno dessas ações é o fato de que nós temos receptores para elas, ou seja, elas fazem sentido para nós. Elas podem brotar de modo natural em muitos diferentes momentos, então precisamos olhar dentro de nós e ver a bolha de realidade que dá sentido a isso, e ver como é que surgimos dentro dessa bolha de modo não-dual com a bolha. Nós e a bolha estamos juntos. E os fatores fundadores disso são justamente os três defeitos da mente, que é a ignorância enquanto *Avidya* e *Moa*; e *Moa* enquanto o sentir-se naturalmente operando dentro da ignorância sem nenhum desconforto.

A avareza é um processo completamente natural: todos os seres têm avareza, todos os seres guardam as coisas. As árvores crescem de tamanho por avareza, os seres todos guardam e expandem suas ações e esse é o aspecto natural da avareza. Todos os seres defendem seus espaços, as cobras defendem, as abelhas defendem, os cachorros defendem - todos os seres são naturalmente dotados desse tipo de inteligência. Então isso termina produzindo esses Três Venenos, e todos eles são impulsionados para ações numa certa direção, e essas ações são as ações volitivas - eles buscam o que eles querem e escapam do que não querem. Aqui no nosso ambiente encontramos sempre as serpentes, é muito natural. Aqui é uma terra dos Nagas, vamos dizer assim. Essa é uma boa maneira de olhar, não é? [risos] Então se Nagarjuna estava cheio de cobras por todos os lados, bom, nessa parte pode faltar sabedoria, mas que tem cobra, tem. Aí eu fico olhando os tuco-tucos que furam o solo e se escondem nos buracos. Eles parecem uns ratinhos, assim. E as cobras, com os detectores de calor, no meio desse frio elas vão se localizando e de repente elas localizam o buraco e o calorzinho e elas vão entrando. Esse é o procedimento natural do *Samsara*, ele funciona desse modo. Funciona assim. Isso não tem fim.

Nós olhamos aqui e parece um terreno desolado, parece capim, solo exposto, areia, mas as cobras estão gordinhas. E é assim, porque sempre tem sementes e os roedores comem as sementes e as cobras comem os roedores; está tudo equilibrado. Equilibrado como? Dentro das bolhas de realidade aquilo parece que não tem fim, parece que é



assim, parece que não tem outro jeito. Então esse sentido assim de que tudo tem...que as ações [não] virtuosas, elas são completamente naturais, produz a consolidação do *Samsara*; produz uma sensação de conforto dentro do *Samsara*. Precisariamos entender que as serpentes têm natureza de Buda, que os tuco-tucos têm natureza de Buda, as formigas têm a natureza de Buda - todos eles têm a Natureza Livre da Mente e a Natureza Livre da Mente deles está operando segundo conjuntos [de] referenciais, produzindo realidades de um certo tipo, como um fluxo natural. E isso dá origem aos mundos deles e os mundos deles mentais produzem o aspecto grosseiro do mundo deles: os buracos, as tocas, os ninhos... E esses processos todos envolvem uma criatividade, uma capacidade de olhar ao redor segundo um conjunto de referenciais e ali (aí em vez de ali) tem uma criação de realidade, uma variação (criação em vez de variação) constante.

E nós não somos diferentes das serpentes e dos tuco-tucos; nós estamos construindo desse mesmo modo. Nós predamos uns aos outros do mesmo modo. Esse é o *Samsara*, esse é o movimento usual do *Samsara*. Nós, presos nos referenciais das dez ações não virtuosas, que brotam de modo natural a partir das bolhas de realidades, se fundem com as bolhas de realidade, nós poderíamos dizer que as bolhas de realidade se caracterizam pelos impulsos que elas vão produzir também, [as] dez ações não virtuosas. E [isso] é uma descrição profunda interna sobre o sofrimento, sobre as causas do sofrimento. Então temos os Doze Elos da Originação Dependente, mas os Doze Elos produzem as dez ações não virtuosas como se fosse completamente natural. Esse é um sintoma natural das bolhas. Nós estamos presos nas bolhas, nós temos impulsos naturais das dez ações não virtuosas, então aquilo está tudo bem. Quando nós encontramos esses sintomas das dez ações não virtuosas em nós, poderíamos tomar isso como caminho, olhar com cuidado. Não é simplesmente abandonar, virar as costas ou praticar as ações ao contrário.

Precisariamos ver como isso surge, quais são os referenciais, qual é a bolha, qual é o conjunto de fatores que produz o surgimento dessa realidade a partir do fluxo luminoso de *Darmakaia*, de *Darmata* que, ao tocar nesses referenciais, vai produzir, na dependência deles, essas realidades. Vai produzir por origem dependente, então. E dependente do quê? Aí olhamos esses elementos e, se nós olharmos profundamente esses elementos - como se estivéssemos praticando *Satipatana* - olhamos o corpo, olhamos as emoções... agora eu vou olhar os impulsos do matar, os impulsos do roubar, o impulso da ação sexual imprópria, o impulso do agredir com palavras, o impulso do mentir, o impulso de criar intrigas, o impulso da ação não virtuosa de falar inutilmente, e aí o impulso da ignorância, o impulso de *Moa*, o impulso da avareza, o impulso da raiva e do medo. E nós vamos olhar, assim, com muito cuidado “isso enquanto isso”. Quando nós olharmos profundamente cada um desses fatores, ele vai se revelar sem substancialidade, ele vai se revelar surgindo de um modo livre e [por] isso nós podemos dizer que o matar se resolve com o não-matar, o roubar com o não-roubar...uma por uma das ações. Ela simplesmente se dissolve porque ela não tem substancialidade.

Desse modo, nós trabalhamos os passos que vão de um, dois, três e quatro, sendo que o Primeiro Passo é *Bodicità*. Se tiver *Bodicità* clara, o dois, três e quatro andam rapidamente. Mas se não temos *Bodicità* clara, é natural que brotem todos esses aspectos. Se *Bodicità* está presente, temos o Nascimento no Lótus, então quando nós olhamos as ações não virtuosas e olhamos os fatores que produzem negatividade, produzem impulsos negativos para os outros, que é o lodo, e produzem as lágrimas, que é o sofrimento, para nós não brota um efeito do lodo, senão o efeito de produzir um interesse efetivo de ajudar os seres a ultrapassar os obstáculos. Quando nós não temos isso de um modo completo, então os impulsos das dez ações não virtuosas brotam para nós. Mas se tivermos um lampejo de *Bodicità*, nós podemos olhar para esses impulsos e refazer os nossos votos. Olhamos para eles como quem olha para o lodo e diz “não,

não quero seguir isso - como é que eu faço para não seguir? Como é que eu faço?”. E aí a pessoa vai contemplando com clareza isso e ela termina se livrando. Quando ela se livra disso, aí surge o Quinto Passo do Nobre Caminho. Ela completou o Quarto Passo, aí vai surgir o Quinto Passo.